

Última Forma

Não fazemos greve porque somos irresponsáveis e nem pelo fato de eventualmente gostarmos dela. Nós a fazemos, não custa lembrar, devido à intransigência daqueles que deveriam nos reconhecer o valor, a dedicação e excelência no trato da coisa pública. Estes, porém, no momento do reconhecimento nos dão as costas, enrolam, relegam-nos a um plano segundo, ao que desconsideram a honra e os compromissos muitos que temos. Em suma, são fartos em elogios e sorrisos largos, nos dão tapinhas nas costas muitas vezes, mas julgam desnecessário externar o devido reconhecimento financeiro, deixando transparecer que a correção das perdas só é fundamental quando se ocupam dos salários de governantes e parlamentares! O dos servidores estaria, como sempre, fora de questão até segunda ordem.

Se as finanças públicas estão, segundo alegam, saneadas, e se podemos, inclusive, atravessar o temporal que hoje assola a economia estadunidense sem sofrer maiores conseqüências, que a balança comercial vai bem, obrigado, e o equilíbrio de nossas reservas cambiais é notável, como não há de haver, ora, pois, verba para reajustar o salário do servidor? Mas não foi o próprio servidor, diga-nos cá ó insensíveis negociadores do salário de todo barnabé, quem mais contribuiu para este quadro de serenidade econômica que hoje se propaga, aguardando em copa por um reajuste linear de salário que não sai desde o governo Fernando Henrique? Seria justo, então, dizer a este servidor que ele terá algum aumento só em 2013? Qual a dimensão da cota que estimam poder cobrar desta classe trabalhadora? Por que cargas d'água urge reajustar em 65% o salário da presidente, dos ministros e dos parlamentares e não importa fazer o mesmo como o do servidor? Por que razão afinal, seus salários não puderam aguardar pelo ano de 2013, uma vez que há dinheiro de sobra para reconstruir estádios – só a reforma do Maracanã levará mais de um bilhão; a do Mineirão, quatrocentos milhões-, para salvar banqueiros e empresários, mas não há, em hipótese alguma, como querem que ingenuamente acreditemos, para reajustar o salário por demais defasado do servidor, cuja contribuição ao controle da economia é indiscutível?

A greve eclode, portanto, por um motivo assaz pertinente: pensam que podem nos fazer de bobos! Imaginam poder passar por cima do servidor qual um trator, apaziguando-lhe os ânimos com promessas futuras, as quais por nada se sustentam. Foram várias reuniões com negociadores do governo, onde o lugar comum foi sempre o protelar das decisões, ou seja, adiavam para ganhar

tempo, até que se vencesse o prazo para a definição do orçamento e a concessão do reajuste se tornasse improcedente.

Esperanças à parte, o próprio Judiciário, na pessoa do ministro Marco Aurélio Mello, reconhece o direito ao reajuste, com retroação e as devidas correções. Sendo assim, o que se pergunta é o seguinte: diante de um governo que ameaça e desrespeita os direitos do servidor anunciando um reajuste zero, haveria alternativa outra que não greve?

ABAIXO A INTRANSIGÊNCIA: GREVE JÁ!

CÉSAR DA COSTA SAMPAIO